

CASA CHEIA: relatos de partilha e convivência FULL HOUSE: stories of community and solidarity

Marco Aurelio Pla Gil

Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-1911-1024>

141

DOI: 10.21680/2595-4024.2024v7n1ID36345

Resumo

Este relato de experiência apresenta como aconteceu a realização dos ensaios abertos do espetáculo “Casa Cheia”, realizado pelo Núcleo de Criação da Teatraria ao Cubo, escola de teatro sediada na cidade de Porto Alegre, capital do estado do Rio Grande do Sul. O processo criativo do espetáculo “Casa Cheia” nasceu da proposta de um “curso-montagem” com duração de um ano. Ancorado no sistema *Viewpoints* de Anne Bogart e Tina Landau, o processo de composição do espetáculo aconteceu de forma itinerante, realizando ensaios abertos em diferentes espaços comunitários e artísticos da cidade. A comunicação desse processo tem como objetivo destacar a importância da partilha do processo criativo como público como uma forma de convívio através do teatro.

Palavras Chaves: ensaio aberto; processo criativo; itinerância; convívio

Abstract

This experience report presents how the open rehearsals of the show “Casa Cheia”, carried out by the Núcleo de Criação da Teatraria ao Cubo, a theater school based in the city of Porto Alegre, capital of the state of Rio Grande do Sul, took place. creative aspect of the show “Casa Cheia” was born from the proposal of a “montage-course” lasting one year. Anchored in the Viewpoints system by Anne Bogart and Tina Landau, the process of composing the show took place in an itinerant manner, carrying out open rehearsals in different community and artistic spaces in the city. The communication of this process aims to highlight the importance of sharing the creative process with the public as a form of conviviality through theater.

Keywords: Open Essay; Collective Dramaturgy; Circulation

Introdução

O processo criativo do espetáculo “Casa Cheia” nasceu da proposta de um “curso-montagem”, um formato que integra teoria, treinamento e desenvolvimento de habilidades por meio de uma montagem teatral colaborativa. Este projeto teve início em janeiro do ano de 2022 e encerramento no mês de setembro de 2023 e foi realizado com dez estudantes-artistas da Teatraria ao Cubo, espaço que atuo como diretor artístico na cidade de Porto Alegre.

Na primeira etapa desse processo, que durou seis meses, definimos que desenvolveríamos uma dramaturgia coletiva, construída dentro de um processo colaborativo de trabalho. Escolhemos como tema gerador “narrativas da velhice”, mas nosso interesse não era documentar ou realizar um trabalho etnográfico sobre a velhice. Em vez disso, queríamos produzir uma dramaturgia a partir da memória criativa dos estudantes sobre o tema, utilizando improvisações e ativando a pesquisa através da mimese corpórea e do depoimento pessoal.

Para o treinamento físico na sala de trabalho, utilizamos os *Viewpoints*, baseando-nos na fundamentação de Mary Overlie e na prática referenciada por Anne Bogart e Tina Landau, com a ferramenta de “Composição” como base da nossa experimentação. Após o desenvolvimento da primeira estrutura dramática do espetáculo, realizamos quatro ensaios abertos ao público na cidade, com o intuito de compartilhar nossa criação com a vizinhança e levar nossas histórias para a rua.

Os Ensaios Abertos

Os ensaios ocorreram em fevereiro de 2023 na Galeria O Arquipélago, no mês de março na Sala Noé, (ambos localizados no Espaço Força e Luz), no mês de abril na Associação de Moradores da Vila Tronco (AMAVTRON) e no mês de maio

na Casa do Artista Riograndense. Essas quatro localidades da capital gaúcha foram territórios que alimentaram o nosso processo criativo e nos acolheram para realização de ensaios ricos em trocas, experiência e afetos.

Tornar a sala de ensaio um espaço itinerante exigiu mais cuidados e preparo. No início, havia bastante insegurança no grupo, que frequentemente se perguntava: "Será que já temos algo para mostrar? Está bom o suficiente?"

Nesse momento, o grupo se uniu para buscar recursos e explorar alternativas para criar um fundo para despesas básicas e comprar os primeiros equipamentos do grupo. As ideias iniciais incluíam organizar um bazar, realizar sorteios e oferecer cursos e workshops conduzidos pelo grupo.

O grupo atribuiu tarefas aos membros para iniciar a elaboração de cenários, compra de materiais, maquiagem, figurinos e planejamento da divulgação. Foi um período movimentado, com inventários, pesquisas e compartilhamento de informações para resolver os primeiros problemas de produção. Durante esse período, lançamos a campanha do "Ingresso Afetivo", onde o público da Teatraria ao Cubo adquiria ingressos por R\$ 20,00 para cobrir as despesas dos Ensaios Abertos e da produção do espetáculo, incluindo cenário, materiais de cena, transporte e alimentação do grupo durante os ensaios.

Neste momento crucial, é essencial não considerarmos a plateia apenas como receptora das nossas próprias projeções e expectativas. Ao abrir as portas da nossa criação, devemos estar receptivos e nos prepararmos para receber o "mundo exterior", que é uma visita valiosa. Apesar dos possíveis desafios, estamos diante de uma oportunidade de interação, de compartilhar experiências comuns. É importante reconhecer que um evento teatral pode assumir diversas formas, e a sensação de "não estarmos totalmente preparados" faz parte do processo.

Quem adentra o espaço alheio certamente encontrará o desconhecido, e isso é natural. Se, por acaso, recebermos visitantes enquanto ainda fazemos os ajustes

finais, devemos compensar qualquer imperfeição com uma recepção calorosa, gentil e a convicção de que tudo correrá bem. Quando o público adentra o teatro, não há melhor demonstração do propósito do encontro. Preparamos tudo da melhor forma, não para exibir nossas habilidades especiais, mas para expressar nosso desejo de compartilhar, de transmitir afeto e de criar algo significativo para o outro, através da arte teatral.

Este relato de trabalho nos apresenta o acontecimento teatral como forma de convívio. Segundo Dubatti (2007), o teatro tem suas raízes na ideia de convivência, fundamentada na tradição de reunir ao menos duas pessoas em um mesmo local para participarem juntas de um "ritual de socialização".

Dubatti (2007) propõe uma "matriz da teatralidade" com três elementos essenciais: o encontro físico e temporal entre pessoas (acontecimento convivial), a criação artística através de ações corporais efêmeras (acontecimento poético) e a contemplação consciente do teatro pelo espectador (acontecimento do espaço do espectador). A partir dessa matriz, o autor propõe uma definição de teatro: "é a produção e experiência de expectativa de acontecimentos poéticos corporais (físicos e físico-verbais) em convívio." (DUBATTI, 2007, p. 36). Nesse contexto, o teatro não é apenas uma performance, mas sim um momento de interação e comunhão entre artistas e espectadores.

A matriz da teatralidade proposta por Dubatti oferece uma estrutura conceitual para compreendermos os diferentes aspectos do teatro. O acontecimento convivial, que representa o encontro físico e temporal entre pessoas, é o ponto de partida para a experiência teatral. É nesse momento que se estabelece uma conexão única entre os participantes, criando um espaço compartilhado de experiência e significado.

O acontecimento poético, por sua vez, refere-se à criação artística que surge desse convívio. É através das ações corporais efêmeras dos artistas que se

manifesta a expressão criativa e emocional do teatro. Essas ações são o resultado de um processo colaborativo e coletivo, onde os artistas exploram e experimentam juntos novas formas de expressão.

Por fim, o acontecimento do vínculo com o espectador completa o ciclo teatral. É quando o público, após vivenciar o encontro convivial e a criação poética, tem a oportunidade de contemplar e refletir sobre o que foi apresentado. Nesse momento, o espectador se torna parte ativa do processo teatral, contribuindo com sua própria interpretação e experiência. Por fim, Dubatti nos convida a perceber o teatro como um espaço de convívio e interação social.

O ensaio na Galeria O Arquipélago



Figura 1 - Elenco dança no aquecimento do primeiro ensaio aberto. Fotografia: Luis Henrique

No dia 25 de fevereiro de 2023, às 18h, tivemos nosso primeiro encontro com o público na Galeria O Arquipélago, localizada no Espaço Força e Luz, em Porto Alegre. Foi um dia carregado de tensão e expectativas, com a presença de trinta pessoas convidadas, entre familiares, amigos, alunos da Teatraria ao Cubo e ex-membros do elenco. Após um ano de árduo trabalho, finalmente nossa peça "fez sua estreia".

Para nós, apresentar ao público a primeira estrutura dramatúrgica foi como uma estreia. Mesmo estando no mesmo edifício que abrigava nossa sala de ensaio, a mudança para o espaço "Arquipélago" foi significativa. Havia o desejo de ocupar aquele ambiente, destinado às exposições de Artes Visuais, de forma diferente, com uma "obra viva", intervindo no espaço de uma maneira nunca experimentada. Foi necessário algum esforço junto à administração do local para conseguirmos autorização para o ensaio, em formato de apresentação, com a presença de um público convidado.

O primeiro desafio foi conseguir espaço na agenda, já que o local era frequentemente utilizado para exposições. O segundo desafio foi realizar a apresentação sem custos. Com o trabalho de produção de Jociele Rodrigues, sócia-diretora da Teatraria ao Cubo, conseguimos superar esses obstáculos e inserir nossa apresentação como parte do evento "Abrindo Espaço", uma iniciativa do Espaço Força e Luz para experimentações artísticas de diversos grupos.

Inicialmente, planejamos estrear em nossa sala de ensaio, no segundo andar do prédio. No entanto, diante da oportunidade de usar o "Arquipélago" (sem garantias de outra chance futura), decidimos incluir o primeiro ensaio aberto como parte desse evento.

Um dos maiores desafios, e ao mesmo tempo uma grande motivação, foi experimentar a transposição da estrutura física que construímos como "território cênico" para um ambiente não convencional. Nossa área de atuação compreendia

cerca de 40m², delineada por linóleo branco, com uma estante modular para adereços de cena, duas "araras" para figurinos e dez cadeiras para o elenco. Como não havia coxias, toda a movimentação para maquiagem e troca de roupas era visível e cuidadosamente coreografada para não interferir nas cenas. Todos os adereços estavam dispostos na estante dentro do espaço de atuação, com acesso cuidadosamente planejado.

Considerando que estávamos ambientados à nossa sala de ensaio, a sensação física do ambiente era completamente diferente. Saímos de uma sala de 60m², com uma organização de espaço que já conhecíamos bem, para um espaço três vezes maior, com extensas paredes brancas que ampliavam a sensação do ambiente. Enfrentamos desafios com a acústica, já que o espaço não foi projetado para apresentações teatrais.

Apesar dos desafios, o ensaio aberto foi bem recebido pelo público. Ao final, conversamos sobre a experiência e uma atriz, aluna da escola, expressou o desejo de ver uma cena de amor e sugeriu representar idosos com uma vida sexual ativa, abordando questões contemporâneas da afetividade. Após uma breve discussão com o público e o elenco, aceitamos a proposta e nos comprometemos a testar uma cena com essa temática.

O ensaio na sala Noé

No dia 4 de março de 2023, às 16h, ocorreu nosso segundo encontro com o público, na Sala Noé, localizada no segundo andar do Espaço Força e Luz, onde concentramos a maior parte de nossas atividades durante o processo. Cerca de vinte pessoas convidadas, entre familiares, amigos, alunos da Teatraria ao Cubo e ex-integrantes do elenco, estiveram presentes. Foi um momento que confirmou nossas expectativas: sentíamos-nos à vontade, a apresentação fluiu naturalmente e a experiência anterior nos trouxe mais confiança.



Figura 2 - Elenco na cena "O carteador". Fotografia: Arquivo pessoal

Para mim, esse foi um momento especial, pois meu companheiro e minha sogra estavam presentes. Ver minha sogra pela primeira vez no teatro foi uma experiência única, já que, ao longo dos anos, era raro ter familiares nas minhas peças. Ela, que trabalhava como cuidadora de idosos, estava curiosa para ver a peça e foi gratificante vê-la se envolvendo com as histórias apresentadas.

Outro destaque do dia foi a presença de um familiar do elenco, uma pessoa que admiro bastante, com mais de sessenta anos. Sua reação à peça foi visivelmente negativa, o que me deixou um pouco preocupado, pois sabia que era uma pessoa exigente. Embora tenha precisado sair durante a apresentação, expressou suas opiniões de forma generosa. Seu feedback foi valioso, pois nos fez refletir sobre a compreensão do público e a qualidade da nossa apresentação.

Um momento marcante foi quando duas jovens irmãs, que estavam visitando o Espaço Força e Luz, foram atraídas pelo som da música que vinha da nossa sala.

Convidadas pelo ator Chico Boaventura a assistir ao ensaio, elas aceitaram e, no dia seguinte, deixaram uma mensagem nas redes sociais da escola, expressando sua satisfação por participar do nosso primeiro ensaio aberto.

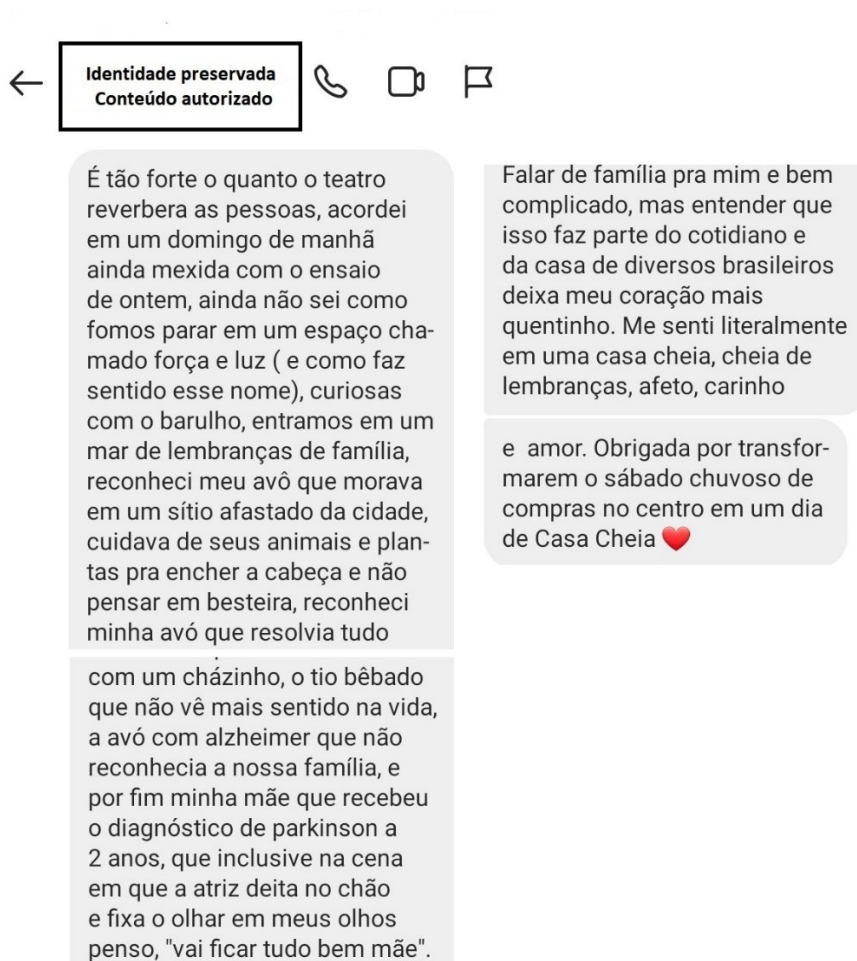


Figura 3 - Mensagem recebida após o segundo ensaio aberto.
Arquivo pessoal (publicação autorizada pela espectadora)

O ensaio na Associação de Moradores da Vila Tronco



Figura 4 - Fachada da AMAVTRON. Arquivo pessoal.

O terceiro encontro com o público ocorreu em 22 de abril de 2023, às 18h, na Associação de Moradores da Vila Tronco (AMAVTRON), localizada na zona sul de Porto Alegre. Trinta convidados participaram deste evento significativo. Meu vínculo com a AMAVTRON remonta a 2014, quando trabalhei como arte educador de teatro e comunicação nessa comunidade através do PRONATEC, em parceria com o SENAC. Este período de trabalho e convivência marcou profundamente minha vida. Foi gratificante testemunhar e colaborar com o trabalho social e cultural realizado pela associação em uma área tão economicamente vulnerável. Naquela

época, a AMAVTRON era menor, e nossas aulas ocorriam em uma sala pequena, com recursos limitados. Voltar à AMAVTRON nove anos depois trouxe uma sensação de nostalgia indescritível.

Minha maior surpresa ao chegar foi ver como o local havia se expandido. Apresentar-se em um lugar que desbloqueou tantas memórias foi emocionante. Quase uma década antes, eu havia estado ali quando o espaço ainda estava em desenvolvimento. Lembro-me de visitar o terreno com educadores sociais e uma pedagoga, e dizer: "Aqui será nosso teatro, onde faremos várias apresentações". Um desses educadores da época, Darley Nunes, um artista e educador social admirável que continuou trabalhando no projeto, me acolheu dizendo: "Bem-vindo. Este é o nosso teatro, que sonhamos lá atrás". Foi um momento de muita alegria e emoção.

Para organizar o ensaio aberto na AMAVTRON, Darley e outros educadores sociais se dedicaram durante semanas, divulgando o evento, arrumando o espaço e ajudando na produção, incluindo a organização técnica de som e luz. A colaboração deles foi essencial para o sucesso do encontro.

Ao chegarmos, fomos calorosamente recebidos com lanches, bebidas e frutas, criando um ambiente festivo e amigável. Antes do início da apresentação, jovens do grupo de teatro da AMAVTRON estavam à disposição para acompanhar o processo e nos oferecer suporte, se necessário. O evento evoluiu para um rico intercâmbio de gerações e experiências. Gradualmente, as pessoas foram ocupando as cadeiras, incluindo famílias da comunidade que contam com esse espaço como uma opção de lazer garantida nos fins de semana.

A emoção e a satisfação do elenco ao realizar essa apresentação eram evidentes, refletindo o principal objetivo do nosso projeto. Além disso, quatro artistas do grupo residiam nas proximidades da comunidade e estavam

familiarizados com a realidade local, sublinhando a importância da descentralização das iniciativas artísticas na cidade como um ato político.

Após o espetáculo, promovemos uma roda de conversa com o público, que se destacou como um dos momentos mais significativos do processo. Mães, avós, educadores e jovens compartilharam suas histórias, proporcionando uma troca rica em reflexões importantes. Os principais temas abordados incluíram depressão, a vulnerabilidade econômica das mulheres idosas, a dificuldade das famílias em cuidar de parentes mais velhos e os conflitos entre gerações.



Figura 5 – Registro do elenco com o público na AMAVTRON. Arquivo pessoal.

O ensaio na Casa do Artista Riograndense

O quarto encontro com o público aconteceu no dia 28 de maio de 2023, às 18h, na Casa do Artista Riograndense, situada na zona sul de Porto Alegre. Participaram desse evento dez pessoas convidadas. Em 2024, a Casa do Artista Riograndense comemora 75 anos. Esse espaço acolhe idosos que dedicaram suas

vidas às artes e agora precisam de um lar. Mantida por doações, a casa tem capacidade para dez residentes; nesse dia, conhecemos três deles.

Esta apresentação foi muito esperada por nós, tanto pelo significado do encontro quanto pela oportunidade de usar o espaço para uma performance teatral e pela chance de intercâmbio com os artistas que ali vivem. Desde nossa chegada, ficou evidente uma diferença marcante em relação aos lugares anteriores: esse era um lar de verdade, habitado por idosos. Portanto, era essencial termos consciência de como nos apresentaríamos, e de como pediríamos permissão aos moradores para entrar e realizar nossa apresentação.



Figura 6 – Registro do elenco com o público na Casa do Artista Riograndense. Fotografia: Darley Nunes

Quando chegamos, fomos recebidos calorosamente por um ilustre residente da casa, um mestre das artes cênicas, José Carlos Gonçalves Peixoto da Silva, conhecido como "Zé da Terreira", e pela adorável cachorrinha da casa, "Anita". Zé nos deu as boas-vindas com uma bênção especial. Em seguida, Fábio Cunha, ator e gestor da casa, nos acolheu, orientando-nos sobre o funcionamento do local, o espaço destinado à montagem do cenário, e nos apresentou aos diversos cômodos e aos moradores disponíveis para visitas. Fábio nos deixou muito à vontade e bem instalados.

Explorando o local, conhecemos outro residente notável, Carlos Alberto Terra Conde, o "Conde", de 79 anos, um antigo cantor de clubes e casas noturnas de Porto Alegre. Um homem alegre e vaidoso, ele nos contou muitas histórias sobre a vida boêmia da cidade e sua rotina atual.

Conde nos conta que agora prioriza exercícios e "viver a vida", especialmente após o infarto que sofreu em 2010, motivo pelo qual foi morar na Casa para não sobrecarregar seus familiares. Enquanto preparávamos um café na cozinha coletiva daquela casa, as histórias foram sendo compartilhadas à mesa.

Também conhecemos Wilson Gomes, de 81 anos, escritor e renomado ator de radionovelas da "era de ouro" do rádio, entre as décadas de 1940 e 1960. Wilson é o morador mais antigo da casa e, embora estivesse mais reservado por questões de saúde, nos recebeu com muita cortesia.

Aquele dia estava muito frio, e o espaço disponível para nossa apresentação era ao ar livre. Para evitar que os moradores ficassem expostos, especialmente em tempos de cautela com a COVID-19, limitamos o público presente. Apesar disso, além de "Zé da Terreira", outro residente da casa e alguns convidados do Núcleo de Criação da Teatraria ao Cubo assistiram ao espetáculo.

Nossa apresentação foi mais íntima, influenciada pelo clima e pelo ambiente acolhedor da casa, com um público reduzido. No final, realizamos uma roda de

conversa sobre aquele encontro. Um momento marcante foi o ensaio final que fizemos antes da apresentação, sob o olhar atento de Zé da Terreira, que nos ofereceu valiosas observações.



Figura 7 - Bate-papo com o mestre "Zé da Terreira".
Fotografia: Luis Henrique Dadalt

O mestre nos alertou sobre a importância da escuta atenta, a intenção genuína ao contar uma história olhando nos olhos, e o valor das relações e responsabilidades dentro de um coletivo. Ele destacou a ética no teatro, afirmando que esta deve se refletir na vida pessoal dos artistas, sem separação entre o palco e o cotidiano.

Nosso querido "Zezão" (outro apelido carinhoso do ator) também enfatizou a necessidade de enxergar a velhice como um período de produção ativa e da

diversidade de vozes. Notei que, durante cenas que abordavam questões sensíveis, como saúde, ele frequentemente acariciava a barba, levantava-se e andava um pouco antes de voltar ao seu lugar. Seus movimentos despertaram em mim uma escuta mais profunda, uma conexão mais íntima com o público, quase como se eu pudesse ouvir o batimento cardíaco de cada espectador.

Naquele dia, enfrentei um temor silencioso: como os espectadores idosos reagiriam às memórias de solidão, problemas de saúde ou a proximidade da morte? Que impacto nosso espetáculo teria sobre essas questões, considerando a vulnerabilidade dessas pessoas?

Essas questões habitam todos nós, independentemente da fase da vida em que estamos. Após quatro ensaios abertos, fiquei refletindo sobre duas perguntas: Qual é o imaginário coletivo sobre a velhice? Como isso afeta a vida dos idosos e sua representação?

A experiência me fez ponderar sobre a associação da velhice ao declínio físico e cognitivo, sobre como infantilizamos e invisibilizamos os idosos, restringindo sua autonomia e criando dependência.

Durante o encontro na Casa do Artista Riograndense, concluindo mais uma fase do processo, observei o vigor do Conde, um homem vaidoso que nada todos os dias, pilota sua moto e vive aventuras amorosas. Admirei a elegância e inteligência de Zé, que em poucos minutos me fascinou, e percebi que queria infundir essa vitalidade e alegria em nosso espetáculo. Vi a organização e concentração de Wilson, isolado em seu quarto, escrevendo seu próximo livro, e compreendi que a velhice pode ser um maravilhoso estado do ser.

Ao anoitecer, nos despedimos da casa com o coração aquecido. A cachorra Anita latia atrás de nós enquanto carregávamos o cenário para a van. Deixei o lugar e as pessoas com a certeza de que Casa Cheia é um espetáculo sobre dificuldades e estigmas, mas também sobre vitalidade, amizade, solidariedade e convivência.



Figura 8 - Encerramento do ensaio aberto na Casa do Artista Riograndense.
Fotografia: Luís Henrique Dadalt

Considerações finais

Este relato descreve uma fase crucial de um processo artístico, onde a presença e o vínculo com o público influencia diretamente a performance do grupo, a dramaturgia e a teatralidade do espetáculo “Casa Cheia”. É percebida a sensação de aumento da vulnerabilidade à medida que o processo se expande, evidenciando a necessidade de exposição para aprender através da experiência. Preparação prévia, tanto física quanto emocional, se torna fundamental para intensificar as relações com as pessoas durante a interação artística.

Refletindo sobre teatro e convívio, especialmente à luz das ideias do teatrólogo Jorge Dubatti, podemos explorar a importância do teatro como espaço

de encontro e diálogo entre artistas e público, assim como entre diferentes comunidades.

Jorge Dubatti enfatiza a função social do teatro como um meio de expressão coletiva e de construção de identidades individuais e coletivas. O autor destaca a importância do teatro como um espaço de convivência e troca de experiências, onde os espectadores não são meros receptores passivos, mas participantes ativos do processo teatral.

158

Os encontros e reencontros com o público durante essa jornada artística de “Casa Cheia”, através dos ensaios abertos itinerantes, refletem essa ideia, especialmente quando realizamos nossos ensaios na Associação de Moradores da Vila Tronco e na Casa do Artista Riograndense. Essas experiências proporcionaram além do crescimento artístico do grupo, um amadurecimento pessoal significativo, percebido em nossas interações. Deste modo, o teatro se afirma não apenas como uma forma de arte, mas como um veículo potente para o convívio, a partilha e a transformação social.

Referências

BOGART, Anne. A Preparação do Diretor. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

_____; LANDAU, Tina. O Livro dos Viewpoints: um guia prático para Viewpoints e composição. São Paulo: Perspectiva, 2017.

DUBATTI, Jorge. Filosofía del teatro 1: convivio, experiencia, subjetividad. Buenos Aires: Atuel, 2007. Disponível em:

<https://pdfcoffee.com/qdownload/dubatti-jorge-filosofia-del-teatro-i-pdf-pdf-free.html> Acesso em: 15 de maio de 2024.

FERRACINI, Renato. _____. Ação física: afeto e ética. Urdimento - Revista de Estudos em Artes Cênicas, Florianópolis, v. 2, n. 13, p. 123-133, 2009. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/1414573102132009123> Acesso em 12 de jan. 2024.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Edições Vértice/Editora Revista dos Tribunais Ltda. 1990. 190p.

LEONARDELLI, Patrícia. A memória como recriação do vivido – um estudo da história do conceito de memória aplicado às artes performativas na perspectiva do depoimento pessoal. Tese (Doutorado) apresentada ao curso de Pós-graduação em Artes Cênicas da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. Orientação do Prof. Dr. Luiz Fernando Ramos. São Paulo: 2008.

HIRSON, Raquel Scotti; COLLA, Ana Cristina; FERRACINI, Renato. O Estado da Arte do Procedimento de Mimesis Corpórea do Lume. Urdimento – Revista de Estudos em Artes Cênicas, Florianópolis, v. 2, n. 29, p. 112-127, 2017. Acesso em: 10 jan. 2024 Disponível em:

<https://www.revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/1414573102292017112>

RINALDI, Miriam. E existe ator que não seja criador? Artigo. In: Jornal 'O Sarrafo'. São Paulo: Abril de 2003.

Disponível em: <http://www.jornalsarrafo.com.br/edicao02/mat07.htm>

Acesso em 12 de nov. 2023.

_____. Viewpoints Teoria e Prática. Tese (Doutorado) – Escola de Comunicações e Artes – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

TELLES, Narciso. A experiência como atitude metodológica na pesquisa em teatro. Anais IV reunião científica ABRACE. p.01-05, 2007.